



A Dama Noturna

Meu fôlego estava no fim quando nos afastamos pela terceira vez. A luta era difícil e eu já não mantinha a certeza da vitória. Arrumei o elmo e chequei meu escudo prateado, aguardando pelo retorno do inimigo.

Estávamos no coração do Pântano Seco, local de terra argilosa, escorregadia, apenas umedecida com o que sobrava da água fétida que um dia o cercou. As árvores mortas nos cercavam agourentas, com troncos enegrecidos e raízes expostas. Não havia ninguém para testemunhar minha morte, mesmo ela representando o fim da esperança de muitos.

Era para ser assim, uma luta honrada entre homem e monstro. Uma luta solitária entre o Bem e o Mal.

Maherbal, meu inimigo, vertia fúria pelos olhos, fitando-me com intensidade suficiente para por a correr homens sem vontade, mesmo sendo seu porte, por si, suficiente para isso: um guerreiro centauro que, tocado por uma das maldições dos Vales dos Horrores, tornara-se uma espécie zumbi. Esta era sua casa, local para o qual retornava após caçar os homens das vilas próximas.

Eu cuspi sangue, sentindo o corpo reclamar das inúmeras pancadas que recebera da poderosa criatura. Meus cortes em seu corpo eram profundos, porém inúteis. Tudo indicava que a deusa dos mortos só o levaria para o descanso eterno quando sua cabeça fosse separada do corpo.

Então ele avançou com um brado feroz e preparei-me para o embate. O primeiro murro, repleto da força de sua investida, quase arrancou meu escudo. O segundo acertou-me no peito e não me derrubou por pouco. Recuei dois passos, procurando pela brecha que não existia, e encostei em uma das sinistras árvores. Maherbal empinou, urrando feroz, para atacar-me com os cascos dianteiros, certo de que me esmagaria contra a madeira escura. Mas minha espada avançou antes e não encontrou resistência na perna equina, acertando o joelho para separar a carne.

Joguei-me de lado e, quando ele pendeu sem equilíbrio, ergui minha lâmina reluzente para desferir minha fúria contra aquele ser.

O golpe cortou a escuridão, exatamente como estava escrito no livro chamado Destino, registrado pelas mãos do próprio Oráculo Sombrio, a Dama Noturna.

Eu jamais esquecerei o dia em que a visitei e tudo começou. O dia em que aprendi que o destino pertence aos deuses e que os homens não devem bisbilhotá-lo.

* * *

Vários corvos voaram em meio à gransadas e bater de asas, espantados da velha árvore que vigiava a entrada de minha morada. O relinchar do cavalo ecoou quando o mesmo foi preso e as vozes dos heróis incautos fizeram-se notar. Nenhuma surpresa, pois sabia que viriam.

Naturalmente era noite, pois de outro modo seria impossível encontrar minha gruta. Tal proteção havia sido imposta desde a Era de Rashidi, quando me consultavam a cada noite, e este lugar era protegido por seres noturnos. Porém, nada mais havia: os guardas se foram, dispersados pela morte do mago tirano e as consultas deixaram de acontecer. Fui abandonada.

Mas estava escrito no livro chamado Destino que tolos viriam ao longo dos séculos seguintes. E vários foram eles, com diferentes perguntas e anseios.

E, naquela noite, mais dois atravessaram as estreitas paredes da gruta que me aprisiona, esgueirando-se entre pedras e terra úmida na incerteza de me encontrar. Não os culpo por duvidar. O Vale é amaldiçoado e muitas das suas lendas são irrealis.

Mas, desde que fui aprisionada, tornei-me bem real para os vivos de Melkearis. Sou a antiga herdeira da noite eterna, de liberdade usurpada por um homem. E não duvidem, pois tendo o tirano Rashidi feito o mesmo com minha mãe Amupherus, deusa dos Mortos, não seria eu que resistiria ao seu poder.

A fraca luz da tocha logo surgiu, tímida, refletida na parede úmida. Eles estavam próximos. Abandonei meus devaneios e levantei-me, esticando o corpo ressecado, forçando as correntes mágicas que atravessavam meu peito e perpetuavam minha prisão. Com a luz fraca, pude rever os símbolos sob meus pés, feitos de esmeralda e rubi fundidos à placa de prata, abaixo de mim.

Os dois finalmente adentraram minha “cela”.

Primeiro o cavaleiro Sullivan, de espada prateada empunhada por músculos poderosos. Armadura suja, surrada, e barba por fazer. Seus olhos negros, de pupilas dilatadas, me encontraram rapidamente e tiveram a mesma reação de todos que haviam vindo antes dele: lacrimejaram.

Depois entrou o jovem Isao, de tocha na mão e corpo protegido por uma armadura de couro de segunda mão. Trazia um escudo de prata nas costas. A barba era tão escassa quanto sua idade. Seus olhos também verteram lágrimas, mas sua testa franziu e o maxilar travou, como se quisesse me atacar. Novamente, não o culpo. Sou um monstro cercado por ossos humanos.

– És a Dama Noturna, O Oráculo Sombrio? – perguntou o cavaleiro, o receio e dúvida recheavam sua voz.

Encarei-o, fitando-o além de seu corpo. Lia em sua mente a batalha que era travada: seu instinto ordenava que corresse, seu treinamento insistia em mantê-lo firme.

– És a Dama Noturna, O Oráculo Sombrio? – repetiu, desta vez estendendo a mão para que o jovem lhe entregasse o escudo.

Quando a prata refletiu-me, pude relembrar no que me tornara. Antes, como uma Guia dos Mortos, eu assumia diversas formas para agradar as almas que deviam me acompanhar. A mais comum era a bem quista pelos elfos: A bela mulher de longos cabelos negros e pele alva, a noite eterna para o dia que a vida representava.

Mas o cativo deturpou-me e minha aparência corrompeu-se junto da razão. De guia, fui feita oráculo, presa entre este mundo e o outro por um ritual profano que roubou minha liberdade, meus dons e, dizem, minha sanidade.

Permaneci subjugada, obrigada a cumprir uma maldição escrita com sangue de deuses por homens loucos.

E no reflexo do metal prateado, a verdade era inegável. Minhas asas, antes de penas negras, eram agora apenas estruturas ósseas. Meus cabelos emaranharam-se e meu corpo ressecou. Minha cabeça tornara-se um crânio desgastado, que pouco se assemelhava ao dos humanos, pois era alongado como de um felino e tinha três maxilares, encerrando-se cada um no queixo do de cima. Um resquício da loucura que fora marcada em minha essência por um dia longínquo.

– Sou a Filha da Morte, a Dama Noturna, o Oráculo Sombrio... Sim, possuo tais nomes, Sullivan. – respondi com minhas três bocas babando um líquido escuro.

Eles recuaram.

– Eu vim consultá-la. – disse ele, como se eu não soubesse.

– Assim como muitos... Mas nenhum ouviu o que queria... Se acredita que será diferente dessa vez, é um tolo.

– As lendas dizem que tu conheces o destino, que sabes o momento do fim das coisas.

– As lendas estão certas... Mas isto não o faz menos tolo. Vê os ossos que nos cercam? São de ingênuos como você.

– Tu os mataste?

– Sim.

Silêncio. Tão profundo que pude escutar seus corações temerosos.

– Eu vim consultar-te. As lendas dizem que és obrigada a responder.

– Novamente, as lendas estão certas... – sussurrei ansiosa. Sabia o que iria acontecer e a maldição me impelia a desejar aquilo. – Mas existe um preço a se pagar...

– Eu aceito.

– Olhe em sua volta, cavaleiro. Tem certeza?

– Sim.

– Meu senhor Sullivan, talvez devêssemos retornar... – ao menos o escudeiro era sensato, ou somente desprovido de coragem.

– Quietos! – ordenou o cavaleiro e, voltando-se para mim, exigiu: – Responderás minha pergunta!

Inclinei a cabeça, abri os braços e fiz reverência. Só então respondi:

– Pergunte o que desejar, tolo. Sou conhecedora do que já foi e do que virá, não há pergunta sem resposta para o Oráculo Sombrio.

– Qual é o preço? – ele hesitou, o que me fez rir.

A arrogância se desfizera diante de minha aceitação. Talvez por medo de ouvir a verdade, ou por raciocinar sobre o preço a ser pago.

Estendi meu corpo para frente, esticando as correntes eternas, e sussurrei em meio à minha baba profana:

– A vida daquele que perguntar...

– A vida?

– Sim... Eu responderei sua pergunta e, depois, devorarei sua carne e beberei seu sangue. Este é o preço dos tolos. Esta é a moeda dos deuses.

– Vamos embora, Sullivan.

– Precisamos da resposta! – gritou ele, fazendo sua voz irada ecoar por alguns segundos. – Maherbal precisa ser detido.

– Mas ela pede um sacrifício.

– Tu poderias oferecer-te a fazê-lo, escudeiro.

Não pude conter o riso novamente. Ver a decadência humana, tola e covarde, me fazia rir. Teria o mundo todo se tornado assim após os séculos?

– E... Eu? – gaguejou o jovem.

– Quanta honra... – provoquei.

– Sim, tu! És jovem, sei bem, mas minha espada é necessária e não posso perecer aqui.

– Mas meu senhor...

– Nosso povo depende de ti. És mesmo tão egoísta? – o cavaleiro aproximou-se.

– Eu... Eu não... Eu não posso...

– Pode! Isto nos mostrará como matá-lo.

– Não meu senhor, por favor.

– Faça! Ou terei que obrigar-te. – disse, agarrando-o pela nuca e puxando o jovem trêmulo até minha frente.

Permaneci imóvel, observando-os com minhas órbitas vazias.

– Faça! – repetiu Sullivan.

Silêncio. O escudeiro mantinha a cabeça baixa, envergonhado pela covardia. O cavaleiro, irritado por encontrar-se sem escolha, não via outra forma senão obrigar o jovem a ter coragem.

– Ordeno que faças! Pergunte sobre Maherbal.

– Eu não consigo. – já dizia em meio a soluços.

– Covarde!

– Desculpe...

– Pergunte! Como e quando Marhebal irá morrer? Diga ou juro que eu mesmo te mato.

– Em dois anos. Dentro do Pântano Seco, pela espada prateada do cavaleiro da Vila do Lago, o centauro imortal irá perecer, pois será decapitado. Seu reinado de terror irá então acabar. – respondi secamente.

– Então conseguirei matá-lo?

– Não... Você conseguiria matá-lo. – comentei, aguardando alguns segundos, para observar o semblante perplexo do cavaleiro. – Mas você não teve coragem de enfrentá-lo e veio a mim.

– Espere... – enfim ele percebeu. – Eu não fiz a pergunta.

– Eu a escutei claramente, tolo.

– Mas eu não aceitei... – disse, erguendo a espada, como se ela fosse defendê-lo.

– Sim, aceitou. Duas vezes.

Então abri minhas bocas e o envolvi com minhas línguas enegrecidas, arrastando-o até minhas mãos. Sua espada e escudo ficaram no caminho enquanto ele, apavorado, debatia-se para evitar o impossível. Tolo. Uma vez que temia a morte, não deveria ter vindo tratar com a filha da mesma. A Herdeira da Noite Eterna, a Dama Noturna.

Ao terminar meu banquete, observei o jovem que ali ficara, imóvel, temendo ser notado. Estava encostado contra a parede, com a espada e escudo de seu antigo senhor. Não nos movemos por um longo tempo, então, decidido, ele se foi. Partiu de volta para sua vila.

Seria o arauto da “terrível” perda que sofreram.

* * *

O sangue banha meus pés e a cabeça de Maherbal rola pelo chão sujo. Seu corpo insiste em mover-se por mais alguns segundos e então tomba sem vida. O pesadelo acabara.

Observo a criatura por longos segundos. O silêncio de sua morada me acalma e este momento, previsto há dois anos, me faz pensar nos deuses e seus planos. Pergunto-me se estaria aqui caso Sullivan não tivesse decidido ir até aquela gruta. Indago se a Filha da Morte, que tudo sabe, acertou a profecia e este era meu destino ou se fui manipulado pela filha de um deus.

Não importa. Não quero saber.

Levanto-me, seguro a cabeça do monstro pelos cabelos e inicio a caminhada de volta para casa.

A Vila do Lago não precisará mais temer seus raptos e meu retorno com a cabeça do inimigo será o marco de uma nova era. Um tempo em que um novo herói substituirá o corajoso Sullivan, que deu a vida para descobrir como matar o monstro e me ordenou cavaleiro protetor do povo. Conferindo-me suas posses, direitos e deveres.

Sim, tive que mentir. Caso contrário jamais me aceitariam de volta, isso se não fosse morto pela minha covardia, o que não me espantaria. Vivemos nos Vales dos Horrores, um local amaldiçoado em que as trevas dominam e as virtudes foram deturpadas.